

O “FAIT DIVERS” E A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL EM *O RETRATO*

Márcio Miranda Alves

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Resumo: Este artigo analisa a representação da Primeira Guerra Mundial no episódio “A sombra do anjo”, de *O Retrato*, a partir das leituras de jornal do protagonista Rodrigo Cambará. Observa-se que, ao reproduzir o noticiário do conflito, Rodrigo Cambará seleciona eventos que se apresentam na forma de *faits divers*, os quais se caracterizam por revelar o inusitado de forma passional e melodramática.

Palavras-chave: Imprensa; Fait divers; *O Retrato*; *O Tempo e o Vento*; Erico Verissimo.

Abstract: This article analyzes the representation of the First World War in the episode “A Sombra do Anjo”, from *O Retrato*, based on newspaper readings by the protagonist Rodrigo Cambará. It is observed that, when reproducing the conflict news, Rodrigo selects events that are presented in the form of *faits divers*, which are characterized by revealing the unusual in a passionate and melodramatic way.

Keywords: Press; Fait divers; *O Retrato*; *O Tempo e o Vento*; Erico Verissimo.

Introdução

No episódio “A sombra do anjo”, de *O Retrato*, a Primeira Guerra Mundial surge como um dos principais eventos históricos do tempo representado. Em Santa Fé, as personagens formam dois grupos opostos de apoio aos blocos envolvidos no conflito. De um lado, Rodrigo Cambará e os que transitam ao seu redor, em defesa da Tríplice Entente, de outro, os descendentes de imigrantes alemães, apoiadores da Tríplice Aliança.

Nesse contexto, o combustível para as tensões políticas em Santa Fé de 1915 está nas páginas dos jornais consultados por Rodrigo Cambará. Filtrando o noticiário de forma breve e superficial, sempre em busca de motivos para ações intempestivas, o protagonista transforma a cobertura jornalística em manchetes que lembram os *faits divers* (fatos diversos), definidos por Erbolato (1981: 244) como

qualquer notícia que, pelas características do que relata, rompe de forma extraordinária e insólita a vida cotidiana, causando impacto ao leitor. Citam-se como exemplos: crimes envolvendo pessoas conhecidas, morte de artistas famosos, alguém que tenha sido atropelado ou assaltado vinte vezes ou mais.

Assim, este artigo tem como objetivo central mostrar como a cobertura jornalística da guerra, registrada nas páginas dos jornais e aproveitada por Erico Verissimo no processo de criação literária de *O Retrato*, transforma-se em *fait divers* a partir da leitura do protagonista Rodrigo Cambará. Para além de assegurar a fidelidade ao componente histórico, que também se percebe nas ações e discursos dos grupos oponentes da ficção, o *fait divers* amplia as possibilidades de interpretação dos acontecimentos e condiciona as atitudes das personagens, transformando a complexidade do tema em pequenos eventos extraordinários.

1 A Primeira Guerra na imprensa brasileira

No segundo decênio do século XX, a imprensa brasileira se dividia entre os eventos da política nacional e a guerra mundial deflagrada na Europa em julho de 1914, a qual dividiu os países envolvidos em dois blocos – de um lado a Tríplice Entente, formada pela França, Rússia e Grã-Bretanha, e de outro a Tríplice Aliança, que abrangia a Itália, Alemanha e Império Austro-Húngaro.

Em um primeiro momento a guerra não desperta muita atenção da imprensa brasileira, mais preocupada com os problemas internos. Os jornais e as revistas preferiam dar mais destaque aos acontecimentos locais da política do que aos movimentos militares na Europa. Outro motivo desse afastamento era que no início não se cogitava a entrada do Brasil no conflito e a neutralidade tornara-se uma questão de honra para as lideranças políticas e intelectuais da imprensa. Para isso, evocava-se a ideia de uma tradição pacifista nacional para justificar uma posição neutra do Brasil.

Além disso, como lembra Garambone (2003: 49), “os diários não tinham uma tradição de luta contra ou a favor das políticas praticadas por outros países, notadamente europeus, em relação ao Brasil”. Em agosto de 1915, ainda era possível uma revista prestigiada como a *Fon-Fon* dedicar uma página inteira a uma festa realizada no Club Germania em favor das viúvas e dos órfãos de guerra alemães, tendo em vista que a Alemanha era apenas um país em guerra e não uma inimiga nacional. Não havia, portanto, pelo menos nesses momentos iniciais da guerra, hostilidades declaradas contra os alemães e seus descendentes, salvo casos isolados.

Muito embora no princípio houvesse pouco destaque à guerra na imprensa em geral, o jornal oposicionista *Correio da Manhã* e o conservador *Jornal do Comércio*, ambos do Rio de Janeiro e dos mais importantes do país, deram extrema importância ao conflito. O *Correio da Manhã* mantinha uma rubrica diária intitulada “O momento europeu”. O *Jornal do Comercio* fazia o mesmo com a rubrica “A Guerra”. A preocupação inicial dos jornais, conforme atesta Garambone (2003: 73-74), era determinar as verdadeiras causas da guerra e quem foi o responsável pela sua eclosão – Alemanha ou Rússia. Ambos procuram assumir, nesse momento inicial, uma postura de imparcialidade frente aos acontecimentos. No resto do país, a imprensa tende a simpatizar com a causa dos aliados. Já o noticiário da imprensa teuto-brasileira, baseado nas informações recebidas de agências alemãs, contrastava com o conteúdo da brasileira. Seyferth (1999: 305) observa que havia “empenho dos jornalistas teuto-brasileiros para evitar o rompimento de relações com a Alemanha, enquanto aumentavam as publicações que denunciavam o ‘perigo alemão’”.

No *Correio do Povo*, de Porto Alegre, o boletim da guerra merece maior atenção do corpo editorial a partir de janeiro de 1915. A rubrica “A Guerra – Notas e Episódios” traz notícias dos combates enviadas por correspondentes estrangeiros e de telegramas recebidos da imprensa do Rio de Janeiro e de jornais internacionais. No dia 1º de janeiro de 1915, o *Correio* publica uma extensa reportagem assinada por Cabasino Renda, correspondente de guerra que conseguiu ser admitido no exército alemão, intitulada “O Estado-Maior Alemão – sua organização e funcionamento” (1915: 12). Dois dias mais tarde, o jornal publica uma das primeiras análises da guerra, intitulada “As consequências econômicas da guerra” (Ego, 1915: 2), texto anteriormente publicado no *Jornal do Comercio*. Com atrasos que variam de 20 dias a um mês em relação à

data dos eventos, o jornal publica com regularidade o resultado dos combates e um grupo de intelectuais assume desde o início uma posição. A maioria, como aponta Sodré (1983: 341), era simpática aos Aliados. José Veríssimo (apud Sodré, 1983: 341) escreve no jornal *Imparcial*, de 24 de agosto, que “O universal movimento de simpatia pela França é menos amor desta que reprovação da Alemanha, do regime político-militar que ela se deu e da arrogância que lhe insuflou uma quem sabe se não exagerada confiança na sua força”. No mês seguinte, Veríssimo prega a intervenção contra a Alemanha no artigo “O dever da América”, além de assumir a presidência da Liga dos Aliados, organização de caráter informal que tinha como principal objetivo angariar fundos para a Cruz Vermelha belga.

A favor de uma intervenção imediata contra a Alemanha estavam alguns dos escritores mais renomados da época, como Olavo Bilac, Coelho Neto, Graça Aranha e Medeiros e Albuquerque. “Acreditavam, sinceramente, que aquela guerra era destinada a salvar a civilização, que os alemães assassinavam crianças belgas” (Sodré, 1983: 341). O mais enfático no discurso contra a neutralidade do Brasil foi sem dúvida Rui Barbosa, que chegou a proferir um discurso em Buenos Aires durante o centenário da Convenção de Tucumã, no qual afirma que “neutralidade não quer dizer impassibilidade: quer dizer imparcialidade; e não há imparcialidade entre o direito e a justiça” (Silva 1975: 45-6). Por outro lado, havia também os que combatiam a ideia de civilização atrelada à luta militar e tinham uma postura pacifista, entre eles Mário de Andrade e Lima Barreto.

Se por um lado os simpatizantes dos aliados organizavam atividades para angariar recursos, o mesmo também acontecia com os que defendiam os alemães. No Rio Grande do Sul, os jornais publicados em alemão costumavam divulgar as ações sociais realizadas com o objetivo de levantar fundos para a causa alemã. Faziam valer o seu direito de cidadãos de um país neutro no conflito. No entanto, como aponta Luebke (1987: 103, tradução nossa), muitas vezes os teuto-brasileiros exageravam em suas manifestações, celebrando ostensivamente as notícias de vitórias alemães ou estendendo bandeiras da Alemanha e da Áustria.

Com a entrada definitiva do Brasil na guerra, a Alemanha transforma-se em inimiga e os estabelecimentos alemães nas principais cidades como São Paulo e Rio de Janeiro passam a ser guardados pela polícia. Os alemães residentes no país são encarados

com desconfiança e os órgãos de propaganda germânica no Brasil, bem como os jornais alemães com versão em português são perseguidos e muitos deixam de circular. Segundo Seyferth (1999: 305),

a partir da declaração de guerra à Alemanha, em 1917, ocorreram manifestações de hostilidade contra a população de origem alemã, especialmente em Porto Alegre e outras capitais. Sociedades recreativas, hotéis, lojas, redações de jornais, estabelecimentos fabris pertencentes a teuto-brasileiros sofreram depredações. A categoria “alemão” assumiu uma conotação negativa, de traição, aguçando o ressentimento de uma população que se considerava leal ao Brasil.

Em abril de 1917, o *Deutsche Zeitung* foi assaltado e destruído pela massa enfurecida em Porto Alegre. Apesar do perigo que representava qualquer manifestação feita em alemão ou por alemães, algumas folhas alemãs decidiram editar sucedâneos em língua portuguesa, caso do *Deutsches Volksblatt*, do *Neue Deutsche Zeitung* e do *Vaterland*, que adotaram os nomes *Gazeta Popular*, *Gazeta Colonial* e *Jornal da Tarde*, respectivamente. Nas páginas desses jornais, “oferecia-se a um grande número de luso-brasileiros a oportunidade de informar-se, por outro viés daquele apresentado pela imprensa dos aliados, sobre a situação mundial” (Seyferth, 1999: 300).

Como veremos adiante, os conflitos registrados durante a Primeira Guerra, no Brasil e no Rio Grande do Sul em particular, onde os descendentes de alemães são numerosos, estão no centro da representação histórica do episódio “A sombra do anjo”, que transcorre em 1915. Na ficção também há tensão entre grupos rivais, inflamada pela leitura de jornais por parte do protagonista Rodrigo Cambará.

2 A narrativa dos *faits divers*

O surgimento dos *faits divers* tem relação com a expansão da imprensa de massa e com a estrutura romântica dos romances de folhetim, caracterizados também pelo melodrama e pelas situações inusitadas. Embora fizessem parte da tradição oral há muito mais tempo, foi no século XIX que os *faits divers* se popularizaram, inicialmente na Europa, como uma categoria de notícia voltada ao novo público leitor, beneficiado pelo valor reduzido dos exemplares.

O *fait divers* nasce justamente daquelas situações que tanto atraem a curiosidade das pessoas, justamente pelo seu caráter excêntrico. São aquelas notícias despreziosas que não têm a ver com grandes eventos históricos, políticos ou

econômicos, mas, sim, cumprem uma função mais de diversão e curiosidade do que de informação ou utilidade pública. Por isso, jornais que se especializam na publicação desse tipo de notícia são estigmatizados por serem populares, dirigidos a um público leitor supostamente de menor entendimento estético e crítico.

Roland Barthes foi um dos primeiros a se interessar pelos *faits divers*. Segundo ele, o que constitui o *fait divers* é a problemática das relações entre casualidade (um delito, um acidente e suas circunstâncias) e coincidência (Barthes, 1966¹ apud Dion, 2007: 128). A relação de casualidade tem a ver com o inesperado, a “aberração”, justamente porque o *fait divers* deve surpreender e espantar, o que leva a uma desproporção entre o efeito e a causa. Já a relação de coincidência indica a repetição de acontecimentos, o que leva a causas desconhecidas (um homem que foi atingido três vezes por raios), ou a união de duas situações opostas em um mesmo percurso (extraterrestres são avistados pelos moradores de uma determinada aldeia e um casal de idosos some de casa na aldeia vizinha). “A relação de coincidência será ainda mais espantosa quanto os estereótipos forem invertidos.” (Dion, 2007: 129).

Em geral, o *fait divers* se interessa por situações anormais e muitas vezes engraçadas, as quais não necessitam de um contexto histórico para ser compreendidas. Nas páginas dos jornais, ele ocupa pequenos espaços, cantos ou rodapés de página, escrito de forma objetiva e simples, servindo como uma espécie de contraponto aos assuntos sérios. Para o leitor, pode assumir a função de um “fuxico social”, próximo de sua realidade concreta (embora distante no espaço), e por isso pode incluir temas como suicídios, acidentes inusitados, curiosidades da natureza, façanhas de personagens anormais, manifestações do além, atos heroicos, erros e confusões dos mais diversos tipos. Ou seja, o *fait divers* não trata das atividades dos príncipes, chefes de estado ou líderes religiosos, mas, sim, das aventuras e desventuras do sujeito “comum”. Pode, inclusive, assumir um caráter dramático ou engraçado. Assim, “[...] o *fait divers* é sempre a narração de uma transgressão qualquer, de um afastamento em relação a uma norma (social, moral, religiosa, natural).” (Dion, 2007: 125)

Para Auclair (1970 apud Sodré, 2012: 250), o esquema básico dos *faits divers* segue um modelo semelhante ao romance policial, uma vez que quase sempre começa pelo fim cronológico enunciado pelo título. Seria uma espécie de arranjo “de frente para

¹ BARTHES, Roland. *Structure du fait divers: essais critiques*. Paris: Seuil, 1966.

trás” organizadas “de modo a dar conta, se possível, do que aconteceu.” (Auclair, 1970 apud Sodré, 2012: 250). Para o mesmo autor,

A crônica do *fait divers* é como o lugar da satisfação simbólica das frustrações mais elementares, em que se busca dar-se o equivalente ilusório de uma experiência total do homem através do excepcional, do atípico e do desviante, viver ficticiamente a impossível transgressão da ordem social, roubar, matar em sonho. (250)

Edgar Morin, por sua vez, também visualiza algo de romanesco nos *faits divers*. Para ele, os fatos diversos se caracterizam por pertencer à “faixa de real onde o inesperado, o bizarro, o homicídio, o acidente, a aventura irrompem na vida quotidiana” (1967: 38-39). Nesse sentido, as próprias notícias da guerra podem se tornar um *fait divers*, dependendo do que for narrado e como vai ser narrado. Por exemplo, algum evento inesperado envolvendo um soldado ou uma tropa, uma história engraçada de deserção, um inimigo fantasmagórico e até o boato de que os alemães assassinavam crianças durante a Primeira Guerra podem ser considerados *faits divers*.

3 Relatos da guerra em *O Retrato*

A representação da Primeira Guerra Mundial em *O Retrato* se desenvolve a partir de pontos de vista divergentes, cabendo a Rodrigo Cambará a posição central de irradiar os impactos do conflito na vida cotidiana dos habitantes de Santa Fé. No dia 3 de janeiro de 1915, Rodrigo lê no editorial de Ano Novo do *Correio do Povo* um panorama das catástrofes do ano anterior.

1914-1915

Ano Novo! Ano Bom!

A alma popular teima, a cada novo ano que surge, em querer ver no seu despontar os raios duma nova aurora, o início dum nono período de ventura e de bondade. O Ano Novo é sempre o Ano Bom. Assim nos iludíamos todos a 1. de janeiro desse malsinado 1914. Todos esperávamos que ele nos viesse compensar dos desgostos de 1913, que nos viesse ressarcir dos males que este nos causara. E, no entanto, nunca houve ano de tão dolorosas provações para todo o mundo, de tantas misérias, de tantas dores, de tantos horrores.

Aqui no Brasil tivemos, logo aos primeiros meses desse ano terrível, a tragédia do Ceará e o seu longo cortejo de desgraças; vieram depois o estado de sítio, a perseguição à imprensa, os crimes do Contestado; a debacle financeira, o abalo do nosso crédito no estrangeiro, arrastando-nos ao beco sem saída do “funding loan”.

*Não foram mais felizes os outros países do continente.*² (Verissimo, 1956: 192)³

² Esse editorial foi publicado no *Correio do Povo* na mesma data indicada na narrativa. A versão apresentada respeita fielmente os dois primeiros parágrafos do texto original do *Correio* (1914-1915, 1915: 2).

³ Todas as próximas citações de *O Retrato* neste artigo serão indicadas apenas com o ano (1956) e a página correspondente.

Nesse excerto, o editorial faz referência a importantes eventos ocorridos no Brasil em 1914, como a Revolução do Ceará, a Guerra do Contestado e o estado de sítio decretado pelo então presidente Hermes da Fonseca como resposta à pressão política das oligarquias estaduais, do Exército e dos parlamentares.

Em seguida, o restante do conteúdo do editorial aparece de forma resumida, em que o editorialista do *Correio* enumera outras “desgraças continentais” no plano internacional:

[...] revoluções no México e o conflito desse país com os Estados Unidos; o assassinio do Presidente da República da Colômbia; crimes no Prata e luto na Argentina pela morte de Saenz Peña. A Europa não fora mais feliz: a “semana vermelha” na Itália, como os desastrosos revolucionários de Ancona; agitação política na França, onde a tragédia do “Figaro” – o escandaloso “*affaire Calmette*” – agitou a nação e o mundo; greves na Rússia; novos rumores de guerra entre a Turquia e a Grécia; a farsa das sufragistas na Inglaterra e boatos de guerra civil na Irlanda. Por fim – continuava o editorial – a maior catástrofe de todas: o assassinio do arquiduque herdeiro do trono dos Habsburgos, que desencadeara na Europa a mais terrível guerra da história da raça humana. E era a sombra dessa pavorosa hecatombe que surgia o ano de 1915. (1956: 192-3)⁴

A partir dessa leitura, que se estende por outras seções cujas páginas “estavam cheias de telegramas de guerra, que continuava na sua estagnação de inverno” (1956: 192), os principais eventos históricos da época surgem aos poucos, a maioria deles relacionados a guerras e assassinatos, formando o pano de fundo para a ação da narrativa. Na paráfrase do editorial, percebe-se a presença dos *fait divers* nas notícias do escandaloso “*affaire Calmette*”⁵, da “farsa das sufragistas na Inglaterra”⁶ e dos assassinatos do presidente da Colômbia e do arquiduque herdeiro do trono dos Habsburgos, as quais são comparadas a uma “hecatombe”.

⁴ Esse trecho não faz parte do mesmo editorial publicado no *Correio*. Acredita-se que Erico tenha se baseado no noticiário de outras edições do mesmo jornal para listar alguns dos principais acontecimentos da época na esfera internacional.

⁵ Trata-se do julgamento de Madame Henriette Caillaux pela morte de Gaston Calmette, editor do jornal *Le Figaro*. O julgamento de Madame Caillaux começou em 20 de julho de 1914, em Paris. Oito dias mais tarde, o júri a inocentou alegando tratar-se de um crime passionnal. No mesmo dia, a Áustria-Hungria declarava Guerra à Sérvia. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/13666/hoje-na-historia-1914-comeca-o-famoso-julgamento-da-madame-henriette-caillaux>. Acesso em: 14 dez. 2021.

⁶ O movimento sufragista surge no século XIX e cresce no início do século XX tendo como principal reivindicação o direito de as mulheres poderem votar e ser votadas. Os anos de 1913 e 1914 marcam importantes manifestações, principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra. O movimento sofria muita resistência e coerção. Não raro eram publicadas notícias falsas ou distorcidas sobre o movimento, com a finalidade de comprometer a credibilidade das mulheres sufragistas – de onde provavelmente vem a interpretação da “farsa das sufragistas na Inglaterra”.

Sempre influenciado pelo conteúdo das publicações jornalísticas, Rodrigo Cambará incendeia os ânimos bélicos do Sobrado. Sem procurar entender o significado e o sentido da guerra (postura que não passa despercebida pelo narrador), o protagonista sai em defesa dos países aliados. Afinal, sua formação acadêmica e cultural foi toda pautada pelo modelo francês. Ele aprecia os escritores e filósofos franceses (no original em francês), assina uma revista francesa e consome produtos franceses. Do outro lado posicionam-se as famílias de origem alemã.

Generalizando o conflito, Rodrigo ficou a segui-lo avidamente através dos jornais. Desde logo ficara evidente que a maioria da população santa-fezense era simpática à causa aliada. Quanto a Rodrigo, não tivera a menor hesitação. Onde estivesse a França, lá estaria também seu espírito e seu coração. Em meados de agosto organizou uma marcha *aux flambeaux* em que os partidários aliados, puxados pelas bandas de música militar, desfilaram pelas ruas de Santa Fé com bandeiras da França, da Inglaterra e do Brasil, a soltar vivas a Poincaré, ao Czar da Rússia, ao Rei Jorge da Inglaterra e ao Rei Alberto da Bélgica.

A Farmácia Popular ficou sendo conhecida como o mais importante centro de concentração aliadófila da cidade, ao passo que a Confeitaria Schnitzler era o ponto de reunião dos membros da colônia alemã e dos teuto-brasileiros, cujas simpatias naturalmente estavam voltadas ao *Vaterland*. (1956: 194)

Em revistas e jornais da Espanha e dos países do Prata, assinados exclusivamente porque traziam reportagens e comentários ilustrados sobre a guerra, Rodrigo informa-se superficialmente sobre os últimos acontecimentos. As reações da personagem após a leitura das publicações, no entanto, revelam sua falta de reflexão em torno do assunto, pois prefere tirar conclusões precipitadas a partir de interpretações próprias. Em uma delas, ele baseia o seu argumento nas fisionomias dos envolvidos conforme são ilustradas na imprensa.

Compare-se a fisionomia de Raymond Poincaré com a de Guilherme II. Dum lado temos esse homem culto e civilizado, com ar de professor universitário, uma expressão de bondade paternal no rosto. Do outro, todo enfarpelado no seu vistoso uniforme, o maldito Hohenzollern, de bigodes de guias torcidas para cima, o olhar duro e cruel como o aço de seu antipático capacete. Senhores, entre um e outro não podemos ter a menor hesitação. (1956: 195)

Rodrigo acredita em tudo que os jornais publicam e sua indignação cresce conforme chegam relatos sobre as atrocidades cometidas pelas tropas alemãs na Bélgica, onde “aldeias inteiras eram destruídas, velhos, mulheres, inválidos e crianças fuzilados juntamente com homens válidos” (1956: 196). Se por um lado revolta-se contra os supostos abusos causados pelos alemães, por outro se enche de entusiasmo com o sacrifício dos soldados aliados. O protagonista representa o leitor que se deixa envolver

pelo discurso jornalístico e não consegue filtrar o noticiário com uma postura crítica e analítica.

Quando recebe notícias da vitória francesa sobre os alemães na primeira batalha do Marne, ocorrida em setembro de 1914, ordena ao “negro Sérgio” que solte duas dúzias de foguetes em frente à Farmácia Popular. Ali mesmo, diante dos curiosos, que formam um pequeno comício, Rodrigo transmite a notícia aos gritos e faz um discurso veemente exaltando “a coragem e o gênio dos gauleses” e atacando “os hunos que com o tacão de suas botas de bárbaros estão ameaçando a civilização, a cultura e a democracia!” (1956: 195). Em outra ocasião ele chora, emocionado, ao ler uma narrativa da proeza do aviador Roland Garros, “esse Garros que, para destruir um dirigível alemão, não hesita em atirar contra ele o aeroplano que pilotava com maravilhosa destreza, tendo a tranquila certeza de que essa morte seria simplesmente sublime. Poucas vezes subiu tão alto o aliás tradicional heroísmo francês” (1956: 198). Assim, o noticiário da guerra, para Rodrigo, transforma-se em um desfile de *faits divers*, cujas informações são filtradas para revelar apenas situações de coragem, genialidade e proeza.

O comportamento exaltado e até certo ponto ingênuo de Rodrigo Camará não passa despercebido pelo narrador, para o qual Rodrigo “via a guerra através dum prisma *apaixonadamente romanesco* (a revanche de Sedan, o estudante alsaciano, o *esprit* contra o *Kultur*)” (1956: 197, grifo nosso)⁷. Esse envolvimento emocional com a longínqua guerra leva Rodrigo a desentendimentos com os coronéis locais, preocupados apenas com as alterações de preços nos gêneros de primeira necessidade e com a paralisação do mercado da banha. A posição de seu pai Licurgo não difere da dos outros estancieiros. Para ele a Europa não passa de “pura invenção dos jornais e dos compêndios de geografia” (1956: 197). Licurgo mostra-se mais preocupado com a luta do Contestado e com a possibilidade de “fanáticos” invadirem o Estado do que com as notícias de um conflito tão distante da realidade local. Rodrigo, porém, não vê uma ameaça real para a vida da República na ação de “caboclos mal-armados”, mas pondera que “o Kaiser, esse sim é um pesadelo para toda a civilização” (1956: 199). Crente de que sua campanha pode salvar a Europa, Rodrigo organiza uma festa com leilão em benefício da Cruz Vermelha belga.

⁷ O trecho faz referência ao poema “O estudante alsaciano”, de Acácio Antunes, uma espécie de ode nacionalista à França, e a um lance de vitória que vingaria uma derrota da França para os soldados alemães durante a Guerra Franco-prussiana, em 1870, próximo à cidade francesa de Sedan.

O contraponto aos argumentos apressados de Rodrigo cabe ao capitão Rubim Veloso, militar e germanófilo assumido. Ao ouvir Rodrigo enumerar as supostas barbaridades cometidas pelos soldados alemães, resumidas a manchetes de *faits divers*, Rubim pondera que na guerra não existem soldados inocentes. Na opinião do capitão os grandes vilões são os russos.

– Não acredite nessas notícias – dizia Rubim. Isso é pura propaganda aliada. E, depois, guerra é guerra e não podemos esperar que os soldados se portem como anjos. Os alemães não são melhores nem piores que os ingleses e os franceses. Mas uma coisa lhe digo, meu caro. São mil vezes mais humanos que os russos. Esses eslavos, sim, é que são bárbaros. (1956: 196)

Para Rubim, Rodrigo Cambará raciocina de maneira infantil ao deixar-se dominar pela “velha piedade cristã pelos fracos”, conforme a qual “o fraco é necessariamente o bom, ao passo que o forte é o mau”. Como resposta, sem possuir outro argumento para se defender da acusação de maniqueísmo, Rodrigo apanha um exemplar do *Correio do Povo* onde está transcrito um discurso que Rui Barbosa pronunciara no Senado Federal. Ele lê um longo trecho desse discurso para o militar. É na materialidade da imprensa, novamente, que o personagem busca proteção e legitimidade para as suas ideias. O que está publicado no jornal indica, na visão de Rodrigo, uma verdade inquestionável.

Agora, quando a Bélgica atravessa o seu martírio sobre-humano, com um heroísmo cuja sublimidade obumbra às vezes as mais divinas páginas da antiga história grega ... (Aqui há um “muito bem” do Senador Azeredo).

– Boa bisca – interrompeu-o Rubim. – Deem-lhe um baralho e um parceiro e ele ficará feliz... O outro prosseguiu:

... da luta helênica contra as hordas do Oriente, se por ali voltássemos já não encontraríamos naquele solo da indústria, do progresso, das letras, vastas necrópoles, campos ermos, chão gretado pelas ossadas, cidades consumidas, construções em ruínas. É que a guerra escolheu aquele torrão de liberdade e trabalho para a sua sementeira de cinzas e luto. A guerra, uma guerra que baniu o direito, a humanidade, o cristianismo; [...] uma guerra que arrasa cidades abertas, queima aldeias pacíficas, tala campos sorridentes, cativa populações desarmadas; uma guerra que fuzila velhos, inválidos, corta seios das mulheres, decepa mãos das crianças; uma guerra que sistematiza a crueldade, a destruição e o terror [...]. (1956: 199-200)⁸

⁸ O texto lido por Rodrigo Cambará não foi localizado nas edições consultadas do jornal *Correio do Povo*. Esse discurso pode ser encontrado na edição de 1973 das obras completas dos discursos parlamentares de Rui Barbosa, o qual apresenta algumas diferenças em relação à versão da ficção. Pode-se notar, por exemplo, que o escritor preferiu “*se por ali voltássemos já não encontraríamos naquele solo da indústria, do progresso, das letras, vastas necrópoles, campos ermos, chão gretado pelas ossadas, cidades consumidas, construções em ruínas*” a “os que ali volvéssemos já não descobriríamos senão os restos das fogueiras bárbaras, vastas necrópoles, campos desertos, cidade, monumentos e construções consumidas, ruínas sombrias, braseiros extintos e vozes de pranto, de maldição e de saudade no espaço”, da versão original (Barbosa, 1973: 244).

O discurso dramático de Rui Barbosa, com boas doses de liberdade poética, traduz os sentimentos de Rodrigo, que via (ou queria ver) apenas as atrocidades dos alemães. Aos poucos, ele vai perdendo a paciência ao saber que os germânicos promovem comícios e festas pró-Alemanha. Primeiro enfurece-se ao ler nos jornais que as sociedades germânicas de Porto Alegre, São Leopoldo e Santa Cruz faziam subscrições em benefício dos soldados alemães e austríacos. Em Nova Pomerânia, colônia alemã de Santa Fé, organizavam-se festas e comícios em que se cantavam hinos patrióticos.

Para ele, aqueles alemães e seus descendentes “deviam meter a viola no saco e ficar quietos no seu canto, pois se continuassem naquelas manifestações insolentes acabariam mas era levando bordoadas!” (1956: 195). Conforme chegam mais notícias relatando as práticas de guerra dos alemães na frente de batalha, em geral informações sensacionalistas que se aproximam muito da estrutura do *fait divers*, aumenta o rancor do personagem em relação aos alemães. Para completar sua indignação, os vizinhos colonos enviam seus filhos para se alistarem nas forças do Kaiser.

Desaforo! – vociferava Rodrigo. – O governo deve proibir isso. Afinal de contas esses lambotes vivem na nossa terra, comem o nosso pão, bebem a nossa água, respiram o nosso ar, dependem, enfim, da nossa generosidade e da nossa tolerância. [...]

Cortou o cumprimento a Júlio Schnitzler e começou a boicotar-lhe a confeitaria. Olhava com rancor e má vontade para os Spielvogel, os Kunz, os Schultz, enfim, para todos os que ali em Santa Fé tinham nomes germânicos. “Se algum desses boches me olhar atravessado, parto-lhe a cara!” (1956: 196)

Sempre inflamado pelo conteúdo dos relatos da imprensa, e sem procurar entender a fundo as motivações da guerra, não demora muito para a mágoa de Rodrigo contra os alemães transformar-se em agressão, reproduzindo na ficção o que se registou na história. Em abril de 1915, ele acompanha com “apaixonado interesse, através dos jornais” (1956: 275), o desenvolvimento da batalha de Ypres. Ao saber que os alemães haviam empregado nuvens de gases asfixiantes contra os inimigos, Rodrigo teve ímpetos de “sair para a rua e quebrar a cara do primeiro alemão que encontrasse” (1956: 275). A gota d’água são as notícias da campanha submarina em que os alemães afundavam navios mercantes e de passageiros, tanto de nações inimigas quanto de países neutros. No princípio de maio, os jornais trazem o comunicado de que um submarino

alemão torpedeara nas águas da Irlanda o transatlântico inglês Lusitânia, causando a morte de 1.153 passageiros.

Ao saber do ocorrido, mais uma vez transformando o noticiário em um *fait divers*, Rodrigo decide se vingar:

Deixou o Sobrado de bengala em punho, disse um mundo de desaforos a Otto Spielvogel, que encontrou a soltar gargalhadas à frente da Casa Schultz, e ameaçou:

– Bandidos! Vocês todos deviam ser capados para acabar com essa raça maldita! Enquanto existir um alemão na face da terra a humanidade não poderá viver em paz!

Espantado, Spielvogel não reagiu: recuou na direção da parede da casa, limitando-se a murmurar: “Mas doutor... mas doutor...”

A cena atraía curiosos, o que deixou Rodrigo ainda mais exaltado. Vendo na vitrina da loja do Schultz uma tricomia do Kaiser, não se conteve: ergueu a bengala e fê-la descer com toda a força contra o vidro, partindo-o. E para o dono da casa, que apareceu à porta no momento em que ele arrebatava o retrato da vitrina e rasgava-o em muitos pedaços, vociferou:

– Não me exponha mais a cara desse bandido, ó Schultz, senão eu mando prender fogo nesta pocilga, estás ouvindo, lambote? (1956: 276-7)

O comportamento de Rodrigo Cambará em seu engajamento ideológico durante a Primeira Guerra, mais do que uma reação emocional momentânea, corresponde ao seu caráter passional e intempestivo, moldado ao longo da narrativa. Fica evidente, mais uma vez, que a personagem tem por hábito envolver-se nos eventos críticos da história de forma pouco racional, facilmente influenciado pelo conteúdo dos jornais. Mais do que isso, sua leitura superficial dos boletins da guerra transforma tudo em fatos curiosos e inusitados, seguindo a lógica dos *faits divers*. Não seria de estranhar se mudasse de lado em plena guerra, caso houvesse uma campanha nesse sentido na imprensa. Em tom de graça, o amigo Carlo Carbone provoca Rodrigo: se realmente odiava a Alemanha, que “quebrasse então todas as chapas que continham composições de Beethoven e Schubert; queimasse todos os livros de Goethe, Schiller, Heine...” (1956: 282).

Rodrigo não faz nada disso e sua reação resume-se a atacar verbalmente os vizinhos, revelando com duras palavras o seu preconceito contra os imigrantes. Aproveita-se do momento para improvisar palanques e praticar sua retórica de rancor, revelando dificuldade para aceitar opiniões contrárias. Sem demonstrar conhecimento algum das causas e consequências da guerra, nem interesse em formar uma opinião coerente, Rodrigo Cambará fica satisfeito com as versões dos jornais. Ele assume a versão jornalística como verdade, filtrando aquilo que interessa em causa própria, e reage a ela de maneira destemperada. Não raro foge ao debate ou finge uma erudição que não possui. O recurso formal de Erico Verissimo, de se apoiar em material de fonte

primária para preencher o quadro histórico, também direciona os gestos do protagonista e ajuda a constituir a sua personalidade. Assim, as notícias da guerra que passam dos jornais ao romance como *faits divers* têm reflexos diretos nos rumos do enredo.⁹

No entanto, o envolvimento de Rodrigo com a causa dos aliados e a revolta contra a cultura alemã não resiste por muito tempo. Se durante a campanha civilista o senador Pinheiro Machado faz a personagem recuar com o aceno de uma cadeira de deputado na Assembleia, na Primeira Guerra a sua revolta pessoal contra os alemães termina nos primeiros acordes do concerto da Philharmonische Familie, uma orquestra familiar que se apresenta em Santa Fé durante uma excursão. Encantado com beleza da jovem Toni Weber, uma das integrantes da orquestra, Rodrigo esquece totalmente dos jornais e da guerra “da civilização contra a barbárie” e faz dos austríacos convidados de honra do Sobrado. O ódio aos alemães, alimentado pelos *faits divers* dos jornais, logo se transforma em paixão pela austríaca.

Considerações finais

O episódio “A sombra do anjo”, de *O Retrato*, apresenta como pano de fundo as tensões sociais da Primeira Guerra Mundial no espaço de Santa Fé. O contexto representado acompanha os registros históricos e jornalísticos, os quais podem ser percebidos na arquitetura do conflito na ficção – a luta de grupos rivais, de um lado os defensores da França e, de outro, os da Alemanha; a perseguição aos descendentes de imigrantes alemães; a apresentação de visões antagônicas sobre a guerra; a dificuldade de compreensão do conflito em sua complexidade política e econômica; o engajamento das classes mandantes, entre outros.

Rodrigo Cambará, protagonista da narrativa, acompanha os eventos pelo noticiário da imprensa e transforma o que lê em manchetes de *faits divers*, de forma passional e romanesca. O *fait divers*, para Dion (2007: 130), caracteriza-se por “fornecer ao público uma explicação satisfatória daquilo que escapa às vezes à compreensão.” No

⁹ O *fait divers* em *O Tempo e o Vento* não se resume a manchetes da guerra. Ao longo da trilogia é possível perceber outras ocorrências em que o trabalho de edição do autor leva à construção de fatos diversos retirados da realidade concreta. Entre os principais exemplos estão as notícias sobre as óperas, as peças de teatro, o cinema, os progressos da aviação, a peste bubônica de 1923, as mortes do escritor russo Tolstói e do ator norte-americano Rodolfo Valentino e a queda da Monarquia em Portugal, entre outros.

entanto, ao fazer isso, “ele arremessa a dúvida sobre a coerência do mundo, ele presente o universo da duplicidade.” (Dion, 2007: 130)

Rodrigo, ao tentar compreender o conflito e atuar como liderança política em Santa Fé, apresenta seus pontos de vista a partir da simplificação do noticiário. Com uma postura parcial, o personagem extrai da imprensa – principalmente do *Correio do Povo* – apenas o que convém para a manutenção de sua paixão pela França e o “esprit” francês. Assim, tudo se torna uma luta do bem contra o mal, em que a França simboliza a civilização e a Alemanha a barbárie.

Observa-se que os *faits divers* incorporados ao plano narrativo são frutos da leitura da personagem, mas nascem do trabalho de edição do autor, que consulta exemplares dos jornais em seu processo de criação literária para assegurar a fidelidade histórica. Em outras palavras, Erico Verissimo de certa maneira legitima o painel histórico da narrativa ficcional com conteúdo jornalístico selecionado da imprensa escrita, cabendo a Rodrigo Cambará a figura do leitor passional que transforma situações complexas em fatos diversos simples, que se afastam da realidade à medida que se aproximam do extraordinário e do inusitado.

TRABALHOS CITADOS

1914-1915. Ano novo! Ano bom! *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 2, 1 jan. 1915.

Barbosa, Rui. *Obras completas: discursos parlamentares*, 1914. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. v. 41, t. 2.

Dion, Sylvie. O “fait divers” como gênero narrativo. *Letras*, Santa Maria, n. 34, p. 123-131, 2007.

Ego, Alter. As consequências econômicas da guerra. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 2, 3 jan. 1915.

Erbolato, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991.

Garambone, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

Luebke, Frederick C. *Germans in Brazil: a comparative history of cultural conflict during World War I*. Baton Rouge: Louisiana University Press, 1987.

Morin, Edgar. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Tradução Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1967.

Renda, Cabasino. O Estado-Maior Alemão: sua organização e funcionamento. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 12, 1 jan. 1915.

Seyferth, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: Fausto, Boris (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. p. 273-313.

Silva, Helio. *Entre paz e guerra: 1915-1919*. São Paulo: Editora Três, 1975. (História da República Brasileira, v. 4)

Sodré, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

Sodré, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Verissimo, Erico. *O retrato*. Porto Alegre: Globo, 1956. t. 2.

Marcio Miranda Alves é Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). Coordena o Mestrado em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e edita a revista *Antares: Letras e Humanidades*, da mesma universidade. Desenvolve atualmente as pesquisas: As fontes do discurso histórico-cultural no romance inglês: séculos XIX e XX e Modulações contemporâneas do Regionalismo literário brasileiro. Publica em periódicos acadêmicos e nesses tem se dedicado frequentemente a estudos sobre a obra de Erico Verissimo. Seu livro *Erico Verissimo e o jornalismo: fontes para a criação literária* foi lançado em 2018 pela Paco Editorial.

Artigo recebido em 21/12/2021. Aprovado em 22/12/2021.